

ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO

Um artigo sobre a sensibilidade affectiva de Arnaldo Vieira de Carvalho, traduzida pela amizade que distribuia aos que d'elle se approximavam na vida, devia ser escripto com as abundantes lagrimas, que irresistivelmente brotavam dos olhos dos seus amigos no momento de sua morte.

Pedem-me que d'elle escreva sob esse aspecto, por ter sido o seu amigo inseparavel de 43 annos; desde a mais tenra infancia ligado a elle por um affecto nunca enfraquecido, e parece-me um dever dictado por essa mesma amizade, acceitar o encargo, podendo d'elle fallar livremente, hoje que não mais existe, sem provocar a censura, que a sua modestia levantaria, se vivo fosse.

Nem será sacrilegio revelar intimidades, quando ellas servem para mostrar quão justo foi o enorme e pouco vulgar sentimento de profunda dôr que dominou toda a população da cidade ao ter conhecimento da sua morte prematura e inesperada.

Essa mesma morte foi talvez consequencia do cumprimento de um dever de amizade.

Ha cerca de dez annos, fazendo uma operação na Santa Casa de Misericordia, foi victima de gravissima infecção que se prolongou por muito tempo.

E' certo que não houve medico em S. Paulo que se não interessasse pela sua saude, mas dentre todos se destacou pela sua dedicação, carinho, e abnegação, o Dr. Mathias Valladão, seu assistente.

Dessa vez e nessa lucta contra a molestia foi vencedora a medicina; e a amizade que unia este grande e notavel clinico brasileiro ao nosso pranteado amigo cimentou-se ainda mais pela gratidão profunda que elle lhe dedicava.

Os tempos passaram, e a molestia grave e inexoravel invadio o organismo do Dr. Mathias Valladão; os papeis se inverteram, e o doente de antes passou a ser o medico de agora, excedendo-se em

cuidados e esforços, em assiduidade e carinho, em applicações medicas e consolo.

Coincidio esse momento com o facto de necessitar Arnaldo Vieira de Carvalho de um repouso prolongado, exigido pelo depauperamento physico produzido pelo seu excessivo trabalho, e pelo rude golpe que soffrera com a desastrosa morte de seu filho Arnaldo Vieira de Carvalho Filho.

Procurando no trabalho lenitivo para a sua dôr, e por isso mesmo se excedendo a si proprio, exgottava as suas forças; e a sua familia e os seus amigos insistiam para que fizesse uma viagem de recreio e repouso.

Poucos dias antes da sua morte, impressionado pelo seu **facies** de abatimento, aproveitei-me de um dos momentos de fraternal intimidade, que entre nós eram tão frequentes, para insistir pela necessidade de cuidar de si, e sahir para uma estação de ares.

Longamente fallei-lhe a respeito; disse-lhe que elle não podia desprezar o seu dever de conservação de saude, até para com a familia; e elle ouviu-me pacientemente. Ao terminar, fez-me elle uma interrogação, para a qual não tive resposta, e disse-me as seguintes palavras: “E você quer que eu abandone o Valladão?”

Calei-me e admirei a sua dedicação, da qual me tinha dado provas já bastante eloquentes durante a nossa incessante convivencia.

A sua consciencia nunca lhe perdoaria, o que elle chamava um abandono, embora soubesse que a sua assistencia ao amigo, em nada podia alterar a marcha da molestia inexoravel, que, dia por dia, mais o approximava do tumulo.

Elle cumpria um dever de gratidão, e ninguem foi mais rigoroso do que elle, sempre que se tratava do cumprimento de um dever.

O valor do exemplo deixado está em parte na inutilidade dessa prova de dedicação, pois nada podia contra aquella molestia, e é muito provavel que uma mudança de clima e algum repouso physico tivessem evitado o mal que o matou.

Não seria necessario dizer mais para estampar a figura de Arnaldo Vieira de Carvalho como amigo dos seus amigos.

Entretanto, quantos e quantos factos da sua vida poderiam ser apontados, revelando todos a intensidade do affecto com que retribuia a amizade que lhe dedicavam os que com elle tinham a ventura de privar.

De natureza pouco expansiva, a sua amizade não se traduzia por manifestações barulhentas ou affectadas; mas nunca falhava na hora ou no momento, em que se tornava opportuna, traduzida por gestos de uma sinceridade verdadeira.

Ao lado do seu esquife choravam amigos do primeiro collegio que frequentou em S. Paulo, sobreviventes do pequeno grupo, que

então formavamos, e que dispersos em direcções muito divergentes, alli se reuniam naquella hora suprema, e a elle deviam o affecto, que nunca se apagou do seu coração.

Era notavel o modo pelo qual se impunha ás sympathias que o rodeavam; extremamente reservado no primeiro encontro, procurava estudar a pessoa com quem tratava, mas, dotado de uma rara perspicacia, não tardava em formar um juizo seguro sobre o valor dos homens, e dessa segurança de julgamento nascia a sua amizade, que era desde logo a mais sincera e a mais desinteressada que se pôde imaginar.

De notavel professor da Faculdade de Medicina ouvi, que ao vel-o pela primeira vez, se arreceiou da apparente frieza com que se vio tratado; mas que, dentro em pouco, tal foi o carinho com que se vio tratado, taes as atenções que delle recebeu, que se tornou um dos seus melhores amigos.

A sua amizade revelava-se então nos momentos opportunos, e sempre que podia ser util aos seus amigos, ninguem o excedia em dedicação.

Amigo da sua familia, elle o era em extremo, e a sua vida foi sempre um exemplo como filho, irmão, esposo e pae; quer nos momentos de felicidade, quer nos de soffrimento. Cultivava com a maior veneração a memoria de seus paes; adorava as suas irmãs, e á sua esposa e filhos consagrava todos os seus pensamentos tendo constituido um lar, onde por trinta annos reinou sempre a felicidade, a harmonia e o amor.

Era um grande amigo dos seus alumnos, conciliando essa amizade com a rispidez na exigencia do cumprimento dos deveres escolares, e principalmente dos deveres civicos.

Interessava-se vivamente pelo seu adeantamento, procurava encaminhar e aproveitar os que revelavam inclinações para certas especialidades, e favoreceu os menos protegidos da fortuna.

Os seus collegas de classe encontravam nelle um amigo, para o qual a formula “todos por um e um por todos” era uma realidade, e por isso elle se tornou o eixo da classe medica de S. Paulo, da qual era um dos mais antigos membros.

As manifestações promovidas pela classe, por occasião da sua morte, revelam o prestigio de que gosava, e esse prestigio repousava justamente na amizade que os medicos de S. Paulo lhe tributavam, e que outra cousa não era senão o reflexo dessa mesma amizade, que elle, por sua vez, lhes dispensava.

Era isso natural, em quem considerava “a sociedade como uma machina de reacções impulsionada pelo egoismo, reagindo ao bem com o bem, e retribuindo com beneficios só a beneficios que a impressionarem”.

A reciprocidade de dedicações e de auxilio não passava, para elle, de um phenomeno biologico.

Sempre concorreu para elevar o prestigio da classe medica, e mais de uma vez contribuiu para evitar dissensões e luctas, pois mesmo sem a sua intervenção directa, os collegas cuidavam de poupar-lhe dissabores, levados pelo carinho com que o tratavam.

Onde, porém, se expandia sem peias, toda a sensibilidade do seu grande coração era em face dos seus doentes, que lhe mereciam carinho paternal. Para cada um tinha uma palavra bondosa de animação, e a sua presença inspirava tanta confiança, que era metade do caminho para a cura.

Para elle a pobreza era o melhor titulo de recommendação, e se fazia pagar pelos ricos os seus trabalhos, era para poder socorrer um maior numero de pobres.

Foi sempre um eterno revoltado contra as desigualdades da fortuna, e a primeira excitação febril da molestia que o prostrou, inspirava-lhe um formidavel libello contra as grandes fortunas feitas á custa dos miseraveis, e dizia na intimidade á sua amantissima esposa, quando ella velava á sua cabeceira, que novos e magnificos argumentos lhe accudiam ao espirito, sobre essa questão social.

Quem se deixara dominar por essas idéas, que externava com a maior independencia, não podia senão consagrar os seus carinhos aos miseraveis, que soffriam.

Revoltava-se contra a pobreza e dizia então: “A successão nas enxergas das enfermarias de esposas e filhas a quem a sorte trahiu, de ricos e poderosos fulminados pela desgraça é lição eloquente, impressionante e suggestiva de idéas dolorosas”.

Frequentemente distribuia pelos seus doentes, ao lado de sua sciencia, meios materiaes de sustento, sendo a sua maior difficuldade fazel-o sem ferir susceptibilidades.

De uma vez, chamado para tratar de um chefe de numerosa familia, impressionou-se com os symptomas de miseria, que observou na casa. A pretexto de melhor arranjar os travesseiros do doente, e dar-lhe uma posição mais commoda na cama, deixou em baixo do travesseiro do mesmo valiosa dadiva.

E factos dessa ordem se succediam durante sua vida, e no dia de sua morte, vimos accorrer á sua casa desconhecidos e pobres, que vinham de longe para contemplar pela ultima vez o rosto inanimado do seu bemfeitor, commovendo, com as suas lagrimas sinceras, aos que tinham a felicidade, unica naquelle momento, de contemplar semelhante espectáculo.

Frequentemente, pobres, desses que chamamos **envergonhados**, confiantes no seu bisturi, delle se acercavam, timidos e receiosos,

porque tinham de confessar, que não podiam pagar os seus serviços; e nunca elle deixou que se completasse a confissão penosa, passando logo a designar o dia da operação.

Dentre as instituições a que dedicou a sua preciosa amizade, nenhuma outra della tanta aproveitou e se honrou como a Santa Casa de Misericordia de S. Paulo.

Com ella de tal fórma se identificou, que o Hospital Central, ha muito, fazia parte integrante da sua existencia.

Durante 32 annos prestou-lhe os mais assignalados serviços; foi o seu chefe de clinica exemplar e energico; soube formar um brilhante corpo medico para esse estabelecimento; e fez do Hospital Central um modelo, que honra a nossa terra.

Alli elle, largamente, diariamente, desinteressadamente praticava o bem pelo bem, sem distincções de classe, de côr ou de fortuna.

Alli quasi perdeu a vida uma vez, e a alegria de viver só lhe voltou, quando pôde reencetar a sua faina de piedade e caridade.

Dalli sahiu para o tumulto !

A vida de Arnaldo Vieira de Carvalho pôde ser resumida na seguinte phrase: Amou o bem e combateu o mal.

F. VERGUEIRO STEIDEL.
